

FOTOGRAFIA COM CELULAR: UMA FERRAMENTA DE INCLUSÃO

Ana Beatriz Novais¹

RESUMO: Com o avanço da tecnologia, as câmeras de celulares aproximaram a população da fotografia, uma ferramenta de difícil acesso. A partir da adaptação das técnicas para o cotidiano do celular, foi escrito o projeto que visa desmistificar essa ferramenta, assim como abrir caminho para a expressão através da arte e promover a valorização de pessoas, territórios e negócios periféricos. Aqui divido parte da minha experiência como professora de fotografia e como o projeto se constrói com pilares antirracistas ao trazer para o foco a inspiração em artistas dissidentes, técnicas acessíveis e a valorização da trajetória de cada aluna em seu território.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Celular; Periferia; Inclusão digital; Artes Visuais.

¹ Ana Beatriz Novais

É artista visual, fotógrafa e professora de fotografia. Especialista em Fotografia e Imagem pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Pesquisa de forma independente a trajetória de fotógrafes dissidentes e o impacto da fotografia com celular como ferramenta de transformação social. Atualmente é professora de fotografia com celular nas duas unidades da Casa da Mulher Carioca, espaços de capacitação geridos pela Secretaria da Mulher da Cidade do Rio de Janeiro.

novaisanabeatriz@gmail.com

Para entender a importância do ensino da fotografia através de smartphones, é necessário reconhecer que a ferramenta, desde sua criação, é elitista. Com seus recursos de difícil acesso, é possível perceber que a maior parte dos grandes nomes marcados na História são de homens brancos, principalmente da Europa e Estados Unidos.

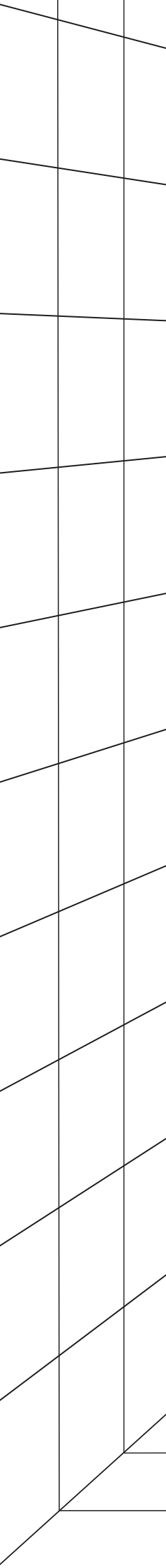
Dando um salto na linha do tempo, atualmente a tecnologia está a nosso favor quando se fala de Fotografia. Além de materiais disponíveis gratuitamente online para estudo, o celular com câmera se torna um grande aliado da produção artística e do registro documental. Com base nisso, nasce o projeto que oferece aulas gratuitas de fotografia com smartphones em regiões periféricas, criado pensando em contemplar um público bastante específico e fortemente afetado pela crise crescente que enfrentamos: Mulheres microempreendedoras moradoras de áreas periféricas da cidade do Rio de Janeiro e que, muitas vezes, são responsáveis pelo sustento de famílias inteiras através de pequenos negócios.

A ideia surgiu durante a pandemia e pôde ser colocada em prática através de uma chamada da Secretaria de Políticas e Promoção da Mulher da cidade do Rio de Janeiro que buscava mulheres interessadas em compartilhar conhecimento com outras mulheres utilizando espaços públicos no projeto voluntário “Mulher Cidadã”. Se materializou, então, no Dia da Mulher em 2021, a oficina de Fotografia de Produtos com Celular, que foi escolhida pela Secretaria para inaugurar o projeto. Oferecida inicialmente na Vila Olímpica Clara Nunes, em

Acari, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro que está entre os 3 IDHs mais baixos da cidade, onde foram contempladas dezenas de mulheres que já possuíam um negócio ou estavam prestes a colocá-lo em prática e buscavam ferramentas para terem destaque no mercado. Com a expansão do projeto pela Secretaria, as oficinas ocuparam também uma sala no Museu do Amanhã, no Centro do Rio de Janeiro, atendendo a população da região portuária. As oficinas de fotografia aconteceram até setembro, fechando um ciclo de 6 meses, e retornaram em janeiro de 2022.

A escolha do uso de smartphones como ferramenta serve para desmistificar a fotografia, promover inclusão digital e a popularização da técnica, considerando que atualmente grande parte dos aparelhos celulares possuem câmeras e que as ferramentas tradicionais da fotografia são inacessíveis para grande parte da população, assim como a contratação de serviços fotográficos profissionais para criação de catálogos de produtos e imagens para venda. O foco em fotografia de produto, abrangendo serviços e gastronomia, se dá porque grande parte dos pequenos negócios se utiliza de redes sociais e aplicativos de venda online como plataforma de divulgação e vendas, competindo com grandes marcas e funcionando como combustível para os negócios geridos por estas mulheres, com o objetivo de valorizar o que vendem e ter um impacto maior nas redes sociais que se reverta em vendas e, consequentemente, auxiliar na geração de renda das participantes e das pessoas à sua volta.

Em outubro de 2021, o projeto cresceu e se ramificou em um curso gratuito com duas turmas e carga horária total de 34h distribuídas ao longo de 4 meses oferecido na Casa da Mulher Carioca Tia Doca, em Madureira. A Casa, que é um espaço de acolhimento e formação para a mulher em toda sua diversidade, também é gerido pela Secretaria da Mulher. O curso, que atende mulheres de 16 a 76 anos, apresenta ferramentas introdutórias sobre iluminação, enquadramento, entre outras, sempre adaptadas ao uso do celular, além de apresentar diversas linguagens, como o retrato, o autorretrato, a fotografia urbana, entre outras, junto ao conteúdo sobre fotografia de produto oferecido nas oficinas. Além de ocupar um território periférico e atender uma população majoritariamente negra, o projeto também tem como missão apresentar uma visão antirracista dentro da arte, complementando as técnicas apresentadas em aula com a constante exposição e valorização de trabalhos e trajetórias de artistas negros, periféricos, mulheres em corpos e idades diversos, LGBTQIA+, indígenas, latinos, pessoas com deficiência entre outras diversidades utilizadas como referências em sala e que, pela visão eurocentrada das artes visuais, não são comuns nos tradicionais livros de arte e fotografia. Proporcionar esse contato, muitas vezes nunca antes feito, com foco em artistas que trabalham a autoestima, seus territórios e diversas questões pertinentes à racialidade e gênero em suas obras, se torna também uma forma de gerar identificação, estímulo à produção, confiança e contribuem, em parceria com todo o trabalho feito pela Casa da Mulher, para o fortalecimento da autoestima das alunas, tanto como mulheres em toda sua diversidade, quanto como artistas.



O curso conta com aulas teóricas e práticas, sempre com estímulo à produção coletiva, à reflexão sobre a manipulação de imagens, com passeios para o Parque Madureira, vizinho da Casa, onde as alunas podem fotografar livremente e interagir com a paisagem urbana, e ainda prevê a realização de uma exposição ao final do período como forma de valorizar o trabalho, a visão e a trajetória das mulheres que concluírem o projeto, além de contribuir com o currículo artístico daquelas que desejarem participar de outras exposições futuras.

A construção do curso e das oficinas se dá diariamente através de uma escuta ativa sobre as necessidades e desejos de cada aluna, suas limitações e habilidades, os usos que cada uma pode fazer da fotografia e do entendimento de como cada conteúdo apresentado pode impactar em suas vidas. Em janeiro de 2022 fui convidada pela Secretaria para oferecer o curso também na Casa da Mulher Carioca Dinah Coutinho, em Realengo, possibilitando a presença em mais um território e a capacitação de mais mulheres no novo ciclo que se inicia em março de 2022 nas duas Casas.